

**RESENHA SOBRE O LIVRO "PEIRRE MONBEIG: UM MARCO DA GEOGRAFIA BRASILEIRA" DE ALDO DANTAS**

Márcio Roberto GHIZZO

Universidade Tecnológica Federal do Paraná – UTFPR

Campus Toledo

Endereço eletrônico: marcioghizzo@utfpr.edu.br

A obra de Aldo Dantas trata do estado da arte da Geografia francesa. Seu livro divide-se em duas partes: a primeira, fazendo referência à Geografia de Pierre Monbeig e, a segunda, trazendo textos e a transcrição de uma entrevista com o próprio Monbeig.

Na primeira parte do livro, Monbeig é apresentado como geógrafo de referência nos estudos regionais utilizando como método de trabalho o “conceito complexo”, que oferece subsídios para estudos da paisagem na relação do homem com o meio natural. Para Monbeig, o trabalho de campo é essencial nos estudos regionais e a análise fragmentada de aspectos físicos e/ou humanos oferece fragilidades à pesquisa.

Dantas releva o fato de Monbeig ter recebido a formação de historiador e geógrafo do início do século passado, com metodologia lablacheana (Geografia física, humana e regional). Seus trabalhos, vinculados à Geografia francesa, foram extremamente descritivos e enfatizaram o espaço como objeto de estudos. Este modelo francês de análise regional privilegiou, até a década de 1930, um espaço rural estável, mas que demandava por transformações na estrutura econômica. No período pós I Guerra, ressalta o autor, a Geografia muito colaborou com a França e isto, principalmente, por meio das análises regional e de situação, abarcando realidades em nível local e a relação entre um lugar e/ou região com espaços circundantes, respectivamente. Até a II Guerra Mundial a Geografia Regional auxiliou na maioria dos problemas franceses, embora faltassem instrumentos de análise, principalmente para estudos do espaço urbano.

Pierre Monbeig foi um geógrafo da geração entre guerras; veio para o Brasil com conhecimentos abundantes sobre trabalhos de campo e, neste escopo, procurou compreender o novo país. Porém, o pesquisador, destaca o autor, percebeu que esta análise não daria conta de compreender um país recente e de proporções continentais e heterogêneas como o Brasil. Nesse momento Monbeig utilizou em suas pesquisas o conceito de “*front*”, o que permitiu uma ampliação de sua análise sobre o território brasileiro. Ele relevou o fato de os trabalhos de campo serem vitais, pois, para ele, “o campo é a especificidade da Geografia”.

Sob a perspectiva lablacheana, Monbeig valorizou a paisagem como produto das interações entre os elementos físicos e humanos, formando uma unidade exclusiva; e esta interação deveria ser abordada pelo geógrafo, a seu ver, o único profissional dotado desta capacidade. Para ele os estudos extremamente tecnicistas

não explicam a totalidade de uma paisagem e o meio deve ser visto como realidade vivificada pelos elementos que o compõe.

Dantas ressalta o fato de Monbeig sempre relacionar a Geografia Física à Geografia Humana para além da descrição, buscando uma explicação geral para a formação da paisagem. O livro demonstra que os modos de pensar e agir são indissociáveis e a caracterização dos elementos da sociedade é fundamental para a análise geográfica da paisagem. Contudo, esta análise apresenta fragilidades por ser comumente confundida apenas com o estudo do visível. Neste sentido, o autor se dedica a estudar Pierre Monbeig relevando o fato de ser o geógrafo o responsável em perceber a cultura, as estruturas sociais e a subjetividade, de modo que, sob estas perspectivas, a paisagem é um produto da civilização, e este profissional deve notar a paisagem natural, mas também a cultural, correlacionando-as.

O trabalho monbeigeano é caracterizado como lablacheano, ou seja, pela tensão e íntima relação entre as Geografias Física e Humana, e o trabalho de campo deve proporcionar a compreensão da formação da paisagem na relação homem-meio. Esta relação é caracterizada como “complexo geográfico”, devido a interação das ordens de estudo da Geografia. Este complexo tem como objetivo mostrar que a Geografia ultrapassa a descrição e deve explicar a relação homem-natureza. Sob este ponto de vista, a Terra é uma totalidade formada de especificidades que se relacionam, de modo que nada se desenvolve isoladamente. Dantas salienta que, para La Blache, cada porção da Terra não pode se fechar intrinsecamente, pois um elemento geral pode ser introduzido na pesquisa local. Nesta proposta o meio é o elemento que ajuda a pensar o local, entendendo sua organização associada e equilibrada.

O livro destaca que La Blache e, conseqüentemente Monbeig, utilizaram o termo “gênero de vida” tratando da adaptação da sociedade ao meio; e a paisagem deve ser estudada a partir da sua localização e de seus aspectos físicos, relacionando-os aos humanos. Por isso o geógrafo não pode apenas localizar, mas deve explicar as paisagens. Para Monbeig, os fatos geográficos que só se explicam em suas complexidades e o “gênero de vida” auxilia compreender a relação entre elementos econômicos e técnicos, primordiais nos estudos e nas análises regionais. Também a tecnicidade é utilizada pelo homem para sanar suas demandas físico-geográficas, e o autor evidencia, nesta obra, que o complexo geográfico estuda, entre outros, como a sociedade se organiza para explorar a natureza.

O livro menciona que a análise monbeigeana deve comparar as características naturais semelhantes com as diferentes formas de culturas desenvolvidas numa região. Se, neste caso, as culturas forem heterogêneas, então a organização humana explicará a formação das paisagens. A idéia de complexo geográfico é, assim, ratificada, pois deriva da própria complexidade de relações, materializadas no espaço e no fato. É a partir desta complexidade que Monbeig trata o espaço com enfoque lablacheano: uma combinação da história do solo com a história dos homens. Ao contrário da teoria determinista, La Blache propõe que os fenômenos

físico-geográficos oferecem possibilidades segundo os graus de desenvolvimento tecnicista e de evolução das sociedades humanas: é a gênese da corrente possibilista. Seu ponto de partida é a região natural, compreendida pela historicidade, economia e política.

No item do livro intitulado Região e Geografia, o autor enfatiza a paisagem geográfica com um enfoque vidaliano e incumbe ao geógrafo a responsabilidade de olhar e diferenciar as paisagens e, nesta perspectiva, a região deve ser pautada na unidade terrestre, parte de uma totalidade, porém única, produzida pela inter-relação dos fenômenos numa imbricação dos seres regionais, físicos e/ou humanos.

Aldo Dantas enfatiza o fato de La Blache ter sido contratado para tratar da Geografia francesa e lembra que o mesmo lamentou a ineficácia da organização territorial daquele país. Em seu trabalho transparece que, primeiro, a Geografia precisava se dotar de um conceito de região e um método de análise regional, que não necessariamente condizia à divisão administrativa francesa e, segundo, que havia uma sensibilidade política naquele país, de modo que cada região deveria ter uma unidade política própria. A França demandava por uma reforma regional que emanasse da própria Geografia e esta forma de pensar de La Blache influenciou diretamente Pierre Monbeig, também preocupado com as pesquisas regionais.

Monbeig escreveu uma série de artigos intitulados “Região e Geografia”. De uma forma geral contemplou estudos no Brasil, onde desenvolveu a maioria de seus trabalhos. O país era favorável devido à diversidade de paisagens e, em suas análises, assim como La Blache, privilegiava perceber a região como o resultado único da interação dos elementos físicos e humanos, o que correlacionou com a noção de “solidariedade regional”, referindo-se ao sentimento de pertencimento regional.

Ainda neste item do livro, o autor remete ao fato de Monbeig considerar os “elementos espirituais” como dificultadores das interações de pertencimento regional e das relações de trocas. Na visão monbeigana o geógrafo deve dedicar seus estudos para a relação do homem com o meio e, desta forma, o potencial de desenvolvimento de uma região é vinculado diretamente às formas de exploração de seus recursos naturais.

No livro fica claro que para Monbeig é o geógrafo o responsável pelos estudos das relações do homem com o meio e, assim, é o que melhor pode determinar uma região para estudos, baseado na harmonia perfeita dos elementos que compõem a paisagem. Pierre, assim como La Blache, foi um grande responsável pela inserção do homem nos estudos regionais. Adepto do possibilismo, via o homem como agente ativo e parcialmente dependente das imposições naturais por meio da solidariedade regional. Assim, constatou que as relações naturais e humanas são inversamente proporcionais ao grau de desenvolvimento das sociedades. Destaca o autor, mais uma vez, que a interação de elementos é essencial de modo que um trabalho não pode ser vinculado estritamente à Geografia Física. Afinal, uma paisagem é o resultado da evolução de um passado figurado na relação homem e

meio.

No que tange à Geografia brasileira, Dantas lembra Monbeig ter se destacado por analisar a ocupação e a colonização do interior do país, principalmente em São Paulo e Paraná. Primeiro Monbeig apresentou os aspectos físicos da região e depois os aspectos humanos, considerando que estas relações formam a paisagem. Naquele momento utilizou o termo “zona pioneira” para se referir à “fronteira”. Num segundo momento, utilizou “faixa pioneira” e, por fim, “franja pioneira”. Foi a evolução do pensamento monbeigeano. Quando o livro trata de “franja pioneira”, o autor discute uma série de críticas que José de Souza Martins fez ao trabalho de Monbeig. No que condiz à gênese das críticas e ao uso do termo “Zona pioneira”, Martins não considerou a evolução do pensamento de Monbeig. É neste sentido que, posteriormente, Monbeig começou a fazer uso do termo “franja”, por entender se tratar de um conceito que designa maior complexidade de relações.

O livro menciona outras críticas de Martins, como os fatos de Monbeig não analisar a questão dos índios (equivocada, pois Monbeig faz alusão a este grupo), bem como enfatizar que os geógrafos e os sociólogos vêem o mesmo fenômeno sob pontos de vistas diferentes, o que deveria ser exaltado. Por fim, Martins critica o geógrafo por ele estudar a paisagem e não abordar os excluídos. Mas o autor defende Monbeig, pois, em seus trabalhos, ele enfatizou o pequeno proprietário e o pobre, pois se inserem nas relações de conflito, do complexo, da miséria e do grilo, enfim, da “franja pioneira”.

Na segunda parte do livro, Dantas apresenta textos e uma entrevista com Monbeig. Menciona os professores de Geografia e suas pesquisas com um texto publicado em 1945 que sinaliza fragilidades do ensino marcado pela diferença entre o que se quer e o que se ensina. Monbeig cita o problema do próprio público não conhecer a Geografia – fato que ainda se percebe na atualidade – sendo constantemente confundida com relatos de viajantes. Mas o geógrafo é um explorador e seu trabalho deve colaborar para a formação cognitiva do educando. Pode-se, por exemplo, usar a memorização em seus ensinamentos, mas de forma reduzida. Para Monbeig esta fragilidade decorre de estudos fragmentados que não consideram o conjunto de fenômenos na produção de um fato geográfico. Por isso a Geografia deve tratar o complexo, explicando as causas, as conseqüências, as relações e as interações dos fenômenos.

Neste sentido, Monbeig enfatiza a importância da interdisciplinaridade no ensino de Geografia para que se perceba a interligação entre os fatos e fenômenos que produz a paisagem e o espaço geográfico. Se durante o século XIX a Geografia física prevaleceu sobre a humana, agora suas importâncias são equitativas, e seu estudo, como de áreas que se complementam, deve colaborar na formação de nossos jovens. Entretanto, Monbeig deixa claro que não podemos querer formar pequenos geógrafos no ensino básico, mas colaborar, juntamente com as demais disciplinas, na formação das mentes pensantes e críticas.

Por fim, num outro texto citado pelo autor, Monbeig trata dos modos de

pensar na Geografia Humana relevando o fato de que os geógrafos deveriam estar mais atentos aos modos de pensar e sentir, valorizando o homem a partir dos sentidos, como integrantes dos “gêneros de vida”. O autor engloba à Geografia Humana os estudos estatísticos (o período em que Monbeig desenvolveu seus estudos foi típico da Geografia Quantitativa), mas enfatiza que o pensar e o sentir contribuem para a formação das paisagens e por isso o complexo geográfico deve ser pesado, perpassando pela economia e pela população, entre outros.

O livro demonstra, portanto, que os estudos regionais e da paisagem são inter-relacionados e devem se desenvolver pela relação homem-natureza. A inserção do homem em seus estudos, lembra Monbeig, data da gênese da Geografia Moderna, em meados do século XIX. Se naquele período Ratzel desenvolveu o determinismo, La Blache introduziu o possibilismo, de modo que o homem surgiu como força natural, inteligência e técnica, transformando o meio segundo suas demandas. La Blache foi o mestre da Geografia Humana, de modo que com ele a paisagem tornou-se cultural. Assim, a paisagem não é mais produto apenas da natureza, mas da própria técnica, da economia e da sociedade. A paisagem tornou-se um espelho da civilização.

## Referência

DANTAS, Aldo. **Pierre Monbeig**: um marco da Geografia brasileira. Porto Alegre: Sulina, 2005.